

30 de agosto de 2008.

Fernando Henrique

Contexto. No dia 25 deste mês, num evento promovido pela *Revista Voto*, o ex-presidente Fernando Henrique proferiu uma palestra, que se destacou pela lucidez e pelo refinamento da análise. Ela o mostrou em plena forma intelectual e física. Tratando-se de um ex-presidente e, sobretudo, de uma pessoa altamente preparada, vale destacar suas posições centrais. **Observe-se, ademais, que seus posicionamentos são da maior atualidade, dada a situação brasileira e o provável fim do boom econômico mundial.**

Diagnóstico. O ex-presidente fez um lúcido diagnóstico da situação mundial, ressaltando as mudanças ocorridas no século XX, com especial destaque para as políticas e as científico-tecnológicas. O mundo bipolar do século passado em que o comunismo se apresentava como uma alternativa ao capitalismo ruiu com a derrocada do Império Soviético. **O regime comunista, carcomido de dentro, desmoronou vítima de suas próprias contradições.** As transformações tecnológicas do século passado foram feitas a um ritmo impressionante, com a criação da microeletrônica, da robótica e dos computadores, em particular a era dos PCs. **Os meios de comunicação e os meios de transporte foram objeto de profundas transformações, exibindo a pujança do capitalismo e de seus Estados líderes, como os EUA.** O Império Soviético sucumbiu pela ausência de uma economia de mercado, pelo não respeito aos contratos, pela inexistência de uma contabilidade pública auditada por órgãos independentes e confiáveis.

O mundo moderno. O mundo moderno é um mundo novo, baseado no conhecimento, na ciência, na tecnologia e numa ampla liberdade. As fronteiras saltaram: as do conhecimento, as das pesquisas, as das universidades, as da economia, as dos Estados. Tudo se remodela segundo novos parâmetros. Os países líderes são aqueles capazes de acompanhar essas transformações, não se aferrando a velhos conceitos e concepções. Novas idéias exigem produtores de conhecimento e novos líderes, atentos às transformações em curso. O mundo das redes é um outro mundo, o de uma interconexão inaudita no mundo. **Isto implica em um outro tipo de defesa dos interesses nacionais, que deveria ser feito a partir do que ele denomina de “negociações internacionais de geometria variável”.**

Nova geometria geopolítica. Isto quer dizer que um país não pode ficar aferrado a conceitos do tipo “direita/esquerda”, “países ricos/países pobres”, “primeiro mundo/terceiro mundo”, pois uma diplomacia assim orientada tropeçaria a cada instante, incapaz de compreender um mundo que se organiza segundo outros conceitos. Neste sentido, utilizando-se da ironia, o ex-presidente assinalou o quanto o governo atual está distante de uma posição deste tipo, nova, por permanecer refém de uma visão terceiro-mundista, que só funciona na cabeça dos seus

mentores. A última Rodada de Doha mostrou particularmente como o Brasil foi obrigado a uma completa reviravolta de sua postura anterior, confrontado que estava ao fato de que os seus interesses não necessariamente coincidiam com os da China, da Índia ou de países menos desenvolvidos do dito terceiro mundo. **O Brasil terminou se aliando aos países do primeiro mundo, pois, neste caso, os seus interesses nacionais coincidiam com os interesses desses países e não com os de seus companheiros políticos.**

O Mercosul. O Mercosul foi objeto de uma avaliação análoga. **Apesar do ex-presidente Fernando Henrique ter sido um ardoroso defensor deste tratado, ele se viu impelido a uma reavaliação de seu formato atual, considerando a mudança das circunstâncias.** O Brasil se encontra amarrado a um tratado, cujas cláusulas não são cumpridas, em particular a da união alfandegária, com tarifas externas comuns. **Seu veredicto foi forte: ou se cumpre o Mercosul ou se rompe o tratado.** O que não se pode fazer é ficar refém dessa situação de indefinição, que prejudica fortemente os interesses nacionais. **Neste caso, o Mercosul poderia ser simplesmente um tratado de livre comércio, deixando o Brasil com as mãos livres para a realização de acordos bilaterais, o que é hoje uma tendência mundial.**

Educação. Para que o Brasil se coloque em diapásão com as transformações globais, é necessário que ele invista fortemente em educação. Isto, porém, não significa a construção física de escolas, cada vez menos desnecessária devido à curva demográfica descendente vigente no país. **A questão central é a da qualidade da educação. Ou seja, qualidade, avaliação, medição e gestão a partir de metas constituem condições absolutamente imprescindíveis deste processo, que permitam ao país galgar novos patamares de desenvolvimento.** Quem aí não apostar tornar-se-á historicamente defasado. Ou seja, o país teria de investir fortemente na qualidade da educação elementar e média, condição essencial de uma competitividade global. Um estudante de uma escola X não compete, em sua cidade, com um estudante da escola Y, mas com um estudante anônimo na Coréia, na China e na Índia, para não darmos que esses exemplos.

Educação universitária. A aposta em educação universitária, em pesquisa e em suas parcerias com as empresas é também condição para que o Brasil se torne um protagonista internacional. **A questão pode ser formulada da seguinte maneira: como competir com a China e a Índia, partindo da premissa de que esses países estão muito mais avançados do que nós em ciência, conhecimento e tecnologia?** Observe-se que, nesses países, a interface com as empresas, com o mundo da produção, é muito maior do que no Brasil, onde os centros universitários ainda conservam preconceitos contra as empresas privadas. **Por sua vez, os EUA, apesar de todos os problemas enfrentados nos últimos anos, continuam um país líder graças a uma extensa e forte rede de universidades e centros de pesquisa.** Na lista das maiores universidades do mundo, a superpotência do Norte lidera com um número muito significativo de universidades. Nenhum país consegue ainda equiparar-se aos EUA. **No**

Brasil, o problema não é somente o de falta de dinheiro, mas o de visão do que deve ser feito.

O Pré-sal. Segundo o ex-presidente, não adianta, agora, entrar na discussão da eventual alteração do regime de concessão vigente para a exploração do petróleo, no que ele denomina de “flexibilização” do monopólio da Petrobrás, se essas reservas são ainda desconhecidas, se não se sabe o custo de sua exploração, se não se sabe de onde virão os seus investimentos, se se desconhece o seu marco regulatório, em caso de mudança do atual. A discussão, neste sentido, estaria completamente deslocada. A prioridade deveria ser a seguinte: primeiro os investimentos, depois o seu destino. **Ademais, não convém simplesmente festejar, pois abundância de petróleo não é sinônimo de desenvolvimento.** A Venezuela e a Arábia Saudita são exemplos disto. Um problema particularmente grave a ser enfrentado reside em como evitar a desindustrialização e a valorização excessiva do real, que podem ser extremamente nocivas para o país.

A demagogia. O governo atual estaria patinando na demagogia e as oposições não estariam tampouco fazendo melhor figura. O debate atual está muito eivado de lugares comuns eleitorais, com os candidatos não comunicando propostas concretas e factíveis do que deve ser feito, mesmo contrariando momentaneamente o estado atual da opinião pública. **Esta somente se transforma se confrontada a mensagens que veiculem idéias e propostas.** O verdadeiro político ou o verdadeiro estadista é aquele que sabe sair dos lugares comuns, fazendo um diagnóstico da situação e propondo uma solução aos problemas apresentados. **Estaríamos longe de uma situação deste tipo com os protagonistas políticos se apegando em demasiado às oscilações da opinião pública, não procurando nela intervir.**

O Congresso nacional. No atual contexto, não se pode esperar muito do Congresso Nacional, encerrado em si mesmo e refém de seus próprios problemas, alguns de natureza claramente fisiológica. Poderia liderar uma transformação política, mas está nitidamente aquém desta tarefa. Ele não tem se mostrado à altura das funções de uma sociedade democrática. **Tornou-se refém do Poder Executivo e abriu espaço para a atividade propriamente legislativa do Judiciário.** O Poder Executivo legisla cada vez mais através de medidas provisórias e o Poder Judiciário, ao dizer interpretar, está também legislando. Neste sentido, não se pode apostar em que o Congresso venha a ser líder das reformas que o Brasil carece, como a trabalhista e a tributária. **Espremido entre os Poderes e sem iniciativa própria para mudar essa situação, ele termina enfraquecendo o equilíbrio institucional.**

A opinião pública. Pode-se dizer que o mercado tomou a dianteira. Isto quer dizer que a sociedade deve tornar-se cada vez mais atuante, vindo a exercer um protagonismo propriamente político. Nada é feito, contudo, sem uma mudança de mentalidades e essa passa necessariamente por uma transformação da opinião pública, que obrigue os partidos, os políticos e os governantes a atuarem

diferentemente. Neste quesito, o país está avançando. **O ex-presidente enfatizou a importância da formação da opinião pública, da mudança de cultura, pois um governante, por melhor que seja, nada pode fazer se não contar com o apoio da sociedade, dos formadores de opinião.** Uma sociedade democrática passa pelo debate de idéias, por diferentes propostas, pelo convencimento. **Uma articulação meramente partidária estará fadada ao fracasso se não obtiver o apoio da opinião pública.**

Término do boom econômico. Em sua avaliação, o boom econômico mundial estaria terminando. O atual governo teve muita sorte, pois, até recentemente, não atravessou nenhuma crise mundial importante. Pode tirar proveito de uma situação para a qual não tinha colaborado. **Poder-se-ia igualmente acrescentar que herdou um país que estabilizou a moeda, conteve a inflação, fortaleceu um Banco Central operacionalmente independente que funciona com metas de inflação, implantou a responsabilidade fiscal, entre outras medidas que foram tão criticadas pelo PT quando oposição.** Usufruiu do que criticou. Novas tarefas, porém, se impunham, como as reformas tributária, trabalhista e política. Nada, contudo, foi feito, senão sob a forma de uma encenação, jogando, como se diz, para a platéia. Pior, as instituições foram enfraquecidas, como mostram os escândalos do atual governo, atingindo principalmente o Congresso nacional e estabelecendo como regra a impunidade. **E “num momento de dificuldade, qualquer loucura é possível!”.**